



ANA LUCIA RIBEIRO DA SILVA

**Do ensinar e do aprender Teatro: a improvisação teatral e o processo criativo na sala de aula**

Salvador

2015

**ANA LUCIA RIBEIRO DA SILVA**

**Do Ensinar e do Aprender Teatro: a Improvisação Teatral e o Processo  
Criativo na sala de aula.**

PROFARTES Mestrado Profissional em Arte, da Universidade  
Federal da Bahia(UFBA).

Orientador: Luis Claudio Cajaiba

Salvador

2015

## SUMÁRIO COMENTADO

### 1 INTRODUÇÃO - A LIGA QUE DEU LIGA

### 2 A IMPROVISACÃO TEATRAL E O PROCESSO CRIATIVO NO ENSINO- APRENDIZAGEM EM TEATRO: TEM QUE DECORAR?

2.1 A Prática Teatral Na Sala De Aula: A Experiência Entra Na Conta

2.2 Jogos Teatrais, Jogos Dramáticos, Jogos De Improviso: Tudo Junto e Misturado

### 3 A IMPROVISACÃO TEATRAL NO COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES.....

3.1 Primeiro Sinal.....

3.2 Segundo Sinal.....

3.3 Terceiro Sinal.....

### REFERÊNCIAS

### APÊNDICE A

## 1 INTRODUÇÃO - A LIGA QUE DEU LIGA

Este estudo tem o objetivo de relatar a contribuição alcançada através da Improvisação teatral no que se refere aos limites do processo criativo dos alunos, no período de março a novembro do ano letivo de 2015, nas aulas de arte-teatro no colégio estadual Odorico Tavares, analisa-se as propostas envolvendo os jogos de improvisação teatral, que renovem e comprovem as experiências já existentes, e acrescentem novas informações relevantes que possam reforçar o quadro positivo de confiança e credibilidade ao potencial educativo do teatro em nossas salas de aula. Busco uma maneira de intervir positivamente no cotidiano dos meus alunos e acredito que as aulas de teatro sejam fator relevante no processo de ensino-aprendizagem.

Considero como objetivos específicos, a verificar a repercussão dos jogos aplicados em sala de aula. Além disso busco discutir apresentações de criação coletiva, estimuladas pela improvisação teatral, em dois momentos (improvisação planejada e espontânea), com três turmas do 1º ano do Ensino Médio no colégio Odorico Tavares. Pretendo ainda demonstrar a apropriação dos elementos constituintes da prática teatral, que estimula a leitura nos estudantes e exercita o seu poder de síntese.

O objeto da pesquisa, assim, centra-se em discutir a improvisação teatral como condutora do processo de criação em sala de aula. Na primeira parte, após a proposta de um tema, os alunos elaboram um roteiro sintético a ser seguido ao longo da atividade; na segunda parte, os alunos são orientados apenas por um ponto de partida. Assim, trabalhei com a improvisação planejada de cada história, em cada uma das turmas.

Utilizo uma metodologia de abordagem qualitativa, em que prevalece o processo em detrimento do resultado numa busca de aprendizagens significativas para os alunos, inseridos em um processo interdisciplinar. Guiados pela metodologia participativa, em cujas ações permitem a atuação efetiva dos estudantes, valorizando seus conhecimentos e experiências, envolvendo-os nas discussões, identificação e busca de soluções e necessidades suscitadas para saber olhar e transmutar o seu espaço, criar ações e mobilizar as pessoas e a comunidade a sua volta.

A partir da leitura da obra literária o romance “O Largo da Palma”, de Adonias Filho, que relata as questões da cidade do Salvador referentes àquela época, através de personagens pitorescos e da valorização das nossas praças, igrejas e da espontaneidade do povo da cidade na rotina do seu dia-a-dia, o romance é composto de seis novelas. Atuei como mediadora/diretora/atriz, com a criação de diálogos improvisados em que os alunos seguiam um roteiro da improvisação planejada para a apresentação de cenas em 2014, quando aconteceu a primeira edição da execução do projeto.

No ano letivo de 2015 no colégio estadual Odorico Tavares possuo três turmas da disciplina Arte em que trabalho com minha linguagem de formação, teatro ou melhor artes cênicas, e já no começo do ano letivo iniciei as atividades preparando os alunos para atuarem na 2ª edição do projeto

interdisciplinar arte e língua portuguesa, em que continuamos com o romance, O Largo da Palma, trocando as novelas de atuação das minhas turmas, todas do primeiro ano do Ensino Médio, que seriam: “O largo de Branco” para a turma 1M3, “Um Avô Muito Velho” com a 1M2, e “Os Enforcados” para a 1M1, são histórias vivenciadas ou ligadas de alguma forma ao Largo da Palma, que fica nas proximidades do centro da cidade na capital baiana.

A proposta deste ano não se limita apenas ao projeto mas, ela terá continuidade, como parte do objeto de pesquisa, após a encenação planejada das histórias de Adonias Filho, trabalharei com a improvisação espontânea, em que darei o mesmo tema das histórias de Adonias Filho para que cada uma das turmas possa dramatizar, dessa vez com a improvisação espontânea afim de observarmos o processo de criação nessas duas vertentes improvisacionais.

Apresentamos o projeto e estamos na segunda parte da pesquisa, os alunos criarão as cenas dados os temas, na tentativa de averiguar em que medida a improvisação será reinterpretada pelos alunos das mesmas turmas do primeiro ano, a partir desse novo modelo.

Nos EUA, a década de setenta marcou a revolução no teatro de improviso, relacionado aos próprios questionamentos e na forma de fazer, buscando novas linguagens teatrais e novas técnicas na preparação do ator. Viola Spolin estava vinculada a este movimento de renovação de linguagens, dando valor e importância ao processo expressivo do trabalho do ator, através de uma proposta educacional.

Como pesquisadora, Chacra possui duas obras pioneiras na bibliografia brasileira: "Natureza e o Sentido da Improvisação Teatral" e "Práticas Teatrais e Outras Práticas Artísticas" Chacra aborda a dimensão antropológica do agir improvisacional numa concepção social, dizendo: “A natureza vital do homem é de tal ordem que gira em torno de dois polos inevitáveis: o imprevisível e o programado”. A necessidade de prever, ordenar, nomear, ou seja, programar é intrínseca a maneira do ser humano conceber a existência.

## **2 A IMPROVISÇÃO TEATRAL E O PROCESSO CRIATIVO NO ENSINO-APRENDIZAGEM EM TEATRO: TEM QUE DECORAR?**

Estar em sala de aula era a realização de um sonho. Aos poucos, verificava que a falta das instalações físicas necessárias à realização dos jogos teatrais e improvisações de cenas, como pretendia aplicar aos alunos do ensino fundamental aos quais lecionava no início da carreira, dificultava o processo que em meio a reclamações e críticas dos colegas professores, que se diziam incomodados com o barulho e movimentação dos alunos durante o decorrer das aulas, o que dificultava a finalização de uma prática teatral por vezes já iniciada.

A partir de um projeto concebido com o objetivo de fazer retornar à sala de aula, alunos que embora estivessem no colégio não participavam das aulas, percebi a oportunidade de colaborar para uma mudança efetiva e transformadora na vida de estudantes que se mantinham apáticos em relação aos estudos escolares. Utilizando a portaria de autorização da secretaria de educação do estado da Bahia (SEC-BA), para a criação de projetos em Arte, resolvi desafiar o abandono escolar, realizando oficinas de Teatro e dança no contra turno.

A integração com todo o grupo de estudantes foi transformadora e rica de resultados compensadores, gratificantes e que me possibilitaram uma aproximação maior com todo o grupo, desenvolvemos uma relação de afeto e respeito mútuo, me sentia estimulada a continuar e entender esse processo.

O projeto conseguiu transformar alunos que antes não confiavam na sua capacidade intelectual, não acreditavam na sua aprovação escolar e por isso se afastavam da sala de aula, e que agora confiantes, visualizavam a aprovação e conseguiam aprender. Era real a magia da criação teatral, quando da participação do grupo de teatro de bonecos na final de um concurso no bairro, em que apresentamos um espetáculo totalmente criado pelos estudantes.

Este projeto, pelos resultados apresentados, renovaram a crença de que o fazer teatral pode atrair os estudantes e transformar as suas vidas de forma benéfica, dando-lhes autoconhecimento e confiança.

Comecei a lecionar no colégio Odorico Tavares em 2011 e desde então trabalho com a improvisação de cenas com apresentações ao final de cada ano letivo.

Em 2015 a primeira pergunta que ouvi dos meus alunos ao anunciar os nossos ensaios e preparações para as apresentações constantes do projeto interdisciplinar Língua portuguesa e Arte foi: tem que decorar? O teatro dito tradicional está convencionado a cenas com falas memorizadas, fato este que, para a maioria dos alunos do 1º ano do Ensino Médio do colégio estadual Odorico Tavares, representa a verdadeira limitação do teatro, o obstáculo intransponível, algo como avaliações escritas de 50 questões.

A partir das indagações dos alunos do 1º ano, busquemos primeiramente, o entendimento do seja teatro. Para Fernando Peixoto teatro é,

Um espaço, um homem que ocupa este espaço, outro homem que o observa. Entre ambos a consciência de uma cumplicidade, que os instantes poderão até atenuar, fazer esquecer, talvez acentuar: o primeiro, sozinho ou acompanhado, mostra um personagem e um comportamento deste personagem numa determinada situação, através de palavras ou gestos, talvez através da imobilidade e do silêncio, enquanto que o segundo, sozinho ou acompanhado, sabe que tem diante de si uma reprodução, falsa ou fiel, improvisada ou previamente ensaiada, de acontecimentos que imitam ou reconstituem imagens da fantasia ou da realidade. (PEIXOTO, 1937, pg. 09).

Sempre ao iniciarmos o ano letivo busco o entendimento do seja teatro para cada um dos meus alunos pois eles em sua maioria não possuem qualquer vivência com a linguagem e, ao finalizarmos o ano já conseguem distinguir os elementos teatrais.

Para o historiador Silvio D'Amico o “teatro é uma palavra de significado ambíguo”. Brecht afirma que “o prazer é a mais nobre função da atividade teatral”, Julien Beck diz que “o Teatro é vida” que é contrastante com outra famosa afirmação de Brecht: “o teatro não é vida, é representação, não se confunde com a vida, possui sua realidade específica e seu objetivo é fazer o espectador, depois, intervir na vida”.

Posto o entendimento do que seja teatro, entre a reprodução, a ambiguidade e o prazer, acredito que o somatório das definições apresentadas possam nos oferecer um misto da ação teatral que acontece em sala de aula, que surpreende pela verdade cênica, pela criatividade e espontaneidade.

Para Chekhov (1996), se um ator apenas declamar e executar as marcações dadas pelo diretor, sem procurar oportunidade para improvisar e faz de si mesmo um escravo das criações, de outros e de sua profissão, uma atividade emprestada. Engana-se ao pensar que o autor e o diretor já tenham improvisado para ele, sobrando muito pouco espaço para que ele se expresse livremente. Como ele declama suas falas e como cumpre as instruções são as portas abertas para um vasto campo de improvisação.

Para Chacra, (2007), a Improvisação teatral pode ser vista e pensada de várias formas, ora como mero elemento “implícito” ou mero recurso “explícito” no teatro formalizado, até a abrangência da criação, do processo criativo, que configura, um reflexo da ação vivida no cotidiano do aluno e experienciada na sala de aula, ou seja, que provém da realidade personalizada, única.

A ação teatral improvisada estimula o surgimento de novas ideias, nada é previsível, são experiências com o cotidiano dos alunos que testam o lugar do novo, no aqui e agora numa iniciativa de ação/reflexão que encontram diversos desafios e precisam recorrer à memória, aos limites da realidade individual e de grupo. Estudar teatro através do Jogo e da recepção teatral na sala de aula, é uma oportunidade de assumir o controle da própria vida, de entender que podemos ser muitos, representando o coletivo à nossa volta. Transformamos positivamente o mundo que nos cerca com o gesto, simbolizando a vida em todas as suas nuances

Sobre os signos e a Arte, Koudela (2006), diz que a imaginação dramática é o centro da criatividade humana e que deve ser o objeto principal de qualquer forma educativa. A imaginação ou a capacidade de fazer símbolos é inerente ao ser humano. Diz ainda que a imaginação dramática, por ser parte fundamental no desenvolvimento da inteligência, deve estar presente em qualquer método moderno de educação.

Na ação teatral improvisada encontramos a representação dramática ou simbólica, quer seja no jogo teatral quer seja no jogo dramático e sabemos, muitos autores consideram que ambos possuem a mesma significação, sendo a única diferença a divisão no jogo teatral, entre atores e não atores que compõe a plateia, que se revezam a partir da proposta, enquanto que no jogo dramático, todos são participantes da criação imaginária. A partir do desenvolvimento por parte do aluno/ator/atriz da capacidade de improvisar, e também quando descobre a si mesmo, e o enorme potencial que possui.

Para Chacra (2007), a Improvisação Teatral é um Processo voluntário e premeditado de criação, onde a espontaneidade e o intuitivo também exercem papel de importância, como algo que vai surgindo no decorrer da criação artística, aquilo que se manifesta durante os ensaios para se chegar à criação acabada. Com a conjugação do espontâneo e do intencional, o improvisado vai tomando forma para alcançar o modelo desejado, passando a ser traduzido numa forma inteligente e esteticamente fruível.

Quando nos deparamos com o estágio final esse processo fica submerso e o improvisado deixa de existir. Continua Chacra:

A forma nas suas partes está na memória dos atores e é somente durante o espetáculo que aquilo que foi ensaiado e elaborado vêm à tona, tornando explícito em cena, surgindo através de um processo de remontagem (forma-sobre-forma) executada pelos atores diante dos espectadores no aqui agora". (CHACRA, 2007 p. 15).

A efemeridade do processo que envolve a improvisação no teatro, seja ele tradicional ou não, é um fato e para mim é isto que garante uma ação única, verdadeira, espontânea, pois ela nunca será repetida da mesma forma e a cada nova apresentação teatral a criatividade sempre poderá estar presente, Spolin diz que

A criatividade é frequentemente considerada como uma maneira menos formal de apresentar ou usar o mesmo material, talvez de modo mais engenhoso, ou inventivo - um arranjo, diferente dos mesmos blocos. Criatividade não é apenas construir ou fazer algo, não é apenas variação de forma. Criatividade é uma atitude, um modo de encarar algo, de inquirir, talvez um modo de vida – ela pode ser encontrada em trilhas jamais percorridas. Criatividade é curiosidade, alegria e comunhão. É processo-transformação-processo (SPOLIN, 2007, p. ).

## 2.2 A PRÁTICA TEATRAL EM SALA DE AULA

Diante do quadro em que se apresenta o ensino de teatro em relação às outras disciplinas, possui um valor considerado hierarquicamente inferior. Numa sociedade em que todos os bens se apresentam como mercadorias em que se privilegia o ter em detrimento do ser nos cabe desvelar o que se esconde por trás desse quadro. Assim concordo com Rubem Alves quando diz:



Somente o que diz seu ‘não’ às coisas como são, mostra o desejo de sofrer pela criação do novo. O mundo da cultura seria literalmente impensável, se não fosse pelos atos de rebeldia de todos aqueles que fizeram algo para construí-la (ALVES, 2007, p. 25).

Sempre me questiono a respeito de que experiência estou considerando quando conduzo meus alunos ao processo de criação teatral. É minha apenas ou do conjunto? Pois, nesse envolvimento também estou formando espectadores e assim, nada me dá a certeza de que este será um público mais atento e questionador. Isso não é factível. E a respeito da construção teatral ninguém me garante que eles possam ter o conhecimento necessário para tal.

E qual seria o meu papel de fato? Acredito que seja o de acompanhá-los nesse mundo de ficção, deixando fruir o potencial de sensibilidade, o meu e o deles. Desta forma, comecei a desenvolver uma metodologia que tenta buscar uma memória individual/coletiva na sala de aula, e também capaz de desenvolver no estudante o censo crítico. Para que ele possa descobrir seu lugar participativo e repleto de pequenas/grandes harmonias. Spolin (2007), diz que “A harmonia grupal agrada a plateia e traz uma nova dimensão para o teatro.”

De acordo com Chekhov,

Cada um de nós possui suas próprias convicções, sua própria visão de mundo, seus próprios ideais e sua própria atitude ética perante a vida. Esses credos profundamente enraizados e, com frequência, inconscientes constituem parte da individualidade do homem e de seu grande anseio de expressão. (CHEKHOV, 1996, p.41).

Cabral (2006), diz que a investigação por meio da atividade dramática tem a particularidade de envolver os alunos com áreas complexas da experiência humana e que este acesso, propicia a descoberta de questões e assuntos relevantes às suas necessidades, diz ainda, tratar-se de um processo cíclico e contínuo, pois, a natureza do drama se envolve com o descobrir e redescobrir novas dimensões no que está sendo investigado. Continua dizendo que o drama se volta para a diversidade da experiência humana, ele tende a provocar novos níveis de questionamento em vez de promover respostas.

Apesar de ter formação em teatro, passo uma série de dificuldades no que se refere a minha atuação como regente de classe. Salas lotadas, espaço físico inadequado, tempo de aula insuficiente, falta de parcerias, etc. A partir da minha experiência teatral com alunos do ensino básico é possível contornar as diversas situações que surgem, para que seja viável o desenvolvimento cognitivo dos alunos através das possibilidades de criação que o teatro de improvisação possa oferecer.

E assim, o aluno será capaz de divertir-se, inventar, vivenciar através do jogo, utilizando a linguagem teatral. Diz Bondia:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a

opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte de encontro, calar muito, ter paciência, dar-se tempo e espaço. (BONDIA, 1998, p.24).

Para mim, o teatro pode apontar esse caminho. A prática teatral em sala de aula, dá ênfase á descoberta, criação e exploração. Exime de controlar ou ser controlado. Abandona o previsível, com a certeza de que os fins não precedem os meios.

A minha vivência como regente de classe em teatro faz com que floresça o meu desejo de tornar a experiência teatral uma importante atividade educacional, inserindo tal prática no cotidiano dos alunos e também da comunidade escolar, como um todo.

Como professora de teatro, na tentativa de buscar fortalecer as relações do aluno com o teatro, entendo que o pensamento de que só os espetáculos convencionais, com textos memorizados pelos artistas e todo o aparato decorrente de um espetáculo que segue a tradição teatral, sejam capazes de propiciar a participação espontânea do público e a atuação qualificada dos atores/atrizes, ciente de que esse pensamento, será capaz de interromper um ciclo de encontro, autoconhecimento e descoberta entre os alunos e a prática teatral, se mantiver sempre esse formato.

A imaginação funciona como uma mola propulsora e estou sempre dizendo aos meus alunos: imaginem isso, imaginem aquilo, ou relembrem quando isso ou aquilo aconteceu com vocês e refaçam como se estivesse acontecendo agora, deixem seu pensar se contagiar pela sua imaginação, e pensem como poderia ser, se consigo me expressar passando vontade, acredito que consiga estimulá-los então, sigo um caminho que transpareça que estou presente e que me coloco à disposição para guia-los e que faço isso prazerosamente.

É preciso resgatar o trabalho com a imaginação, para que possa haver uma intervenção transformadora no homem, uma transformação que o torna capaz de criar e inovar a partir suas próprias vontades, da sua intuição e percepção diante do mundo que interage com ele.

A imaginação abre as portas para a improvisação e exercitá-la é necessidade no teatro, uma frase, um olhar, um aceno, provocam e aguçam a imaginação, para os jovens do Ensino médio, adolescentes que estão na idade do sonho, imaginar faz bem, cria possibilidades antes inexistentes. Os temas que uso para estimular a imaginação da turma sempre dialogam com o ideal imaginário correspondente à idade e ao momento de vida. E embora eu não tenha certeza do momento de cada um, por experiência, reconheço um olhar que consente ou que discorda. Atenta aos sinais, verifico de que forma abordá-los, de que forma acessar a imaginação individual ou do grupo.

Imaginar e criar é um pressuposto para a improvisação teatral, se o aluno se vê submetido a um controle do que dizer ou fazer, ele pode paralisar e deixar de jogar o bom jogo, quando no palco, e dentro do jogo, ele pode ter um bloqueio mental.

Ryngaert (2009, p. 45) diz que: “uma impossibilidade de superar a angústia causada pelo olhar do outro ou o sentimento de ser ridículo a seus próprios olhos, a famosa consciência errada de si.”

Por não desejar acionar esse tipo de mecanismo, aprimoro o meu censo crítico na forma em que apresento o jogo/ exercício, para que ele não se sinta constrangido ou privado de liberdade para atuar.

Espero sempre que o aluno acredite no que está fazendo em cena tornando-o confiante e seguro das suas decisões. Portanto, não me permito desestimulá-lo, mesmo que ele não esteja coerente em cena ou que apresente falhas na interpretação. Porém, no momento em que a executa estímulo para que continue atuando e depois da cena terminada procuro dialogar até chegarmos à melhor solução, condizente com o pensamento do grupo, sem deixar ninguém de fora e compartilhando sempre as escolhas e decisões.

Acreditar no que está fazendo no palco é fator preponderante, a fé cênica será capaz de propiciar a criação a partir da improvisação, para Stanislavsky,

O que chamamos de verdade no teatro é a verdade cênica, da qual o ator tem de servir-se em seus momentos de criatividade. Procurem sempre começar o trabalho por dentro, tanto nos aspectos factuais da peça e do cenário, como nos seus aspectos imaginários. Instilem vida em todos as circunstâncias e ações imaginadas, até conseguirem satisfazer plenamente o seu *senso da verdade* e até terem despertado um *sentimento de crença* na realidade das suas sensações (STANISLAVSKY, 1991, P.153).

Se apenas um dos alunos puder acreditar no que está fazendo no palco, os colegas poderão ser contagiados e o público irá interagir de alguma forma. Acho importante que eles mantenham o foco para o que estão fazendo e dessa forma irão conseguir se concentrar e desempenhar um bom papel.

Percebo que a prática teatral a partir da improvisação é capaz de despertar a auto valorização de cada um dos envolvidos no processo de criação, sendo através do contato com o público que o ato de criação se concretiza, o que também caracteriza as atitudes e habilidades deste espectador, adquiridas a partir da sua cultura. Portanto, o gostar e o não gostar de determinado produto artístico depende do que trazemos, da relação que mantemos com a cultura que nos rodeia.

**Através do jogo teatral o aluno pode experienciar verdadeiramente a arte teatral, sem qualquer julgamento ou sentimento de inferioridade, passando então a vivenciar rotineiramente a sua criatividade, evocando as suas potencialidades.**

Jogar em educação e na vida é necessidade. Nossos alunos precisam do jogo, ele é um elemento da cultura que ajuda na formação de conceitos. Ele produz conhecimento, sendo diversas as possibilidades do jogo.

Dos jogos teatrais, Spolin (2010), diz que quando a relação pressupõe o domínio de um pelo outro, a regra se transforma em lei. Contrariamente, na instituição lúdica, a regra é um processo interativo, o consentimento mútuo, das regras do jogo trazem o equilíbrio e a democracia, para que reinem a cooperação e o respeito mútuo. Os jogos são usados no contexto da educação como para o treinamento de atores, os jogos são baseados em problemas a serem solucionados.

O jogo Teatral propicia o diálogo na sala de aula, pois, ao buscar soluções para os problemas apontados pelo jogo, o aluno recorre às suas próprias emoções e sentimentos guardados na memória, relembra situações e recorre aos seus próprios conceitos, capazes de definir suas escolhas para que ele as possa levar para o grupo. Conforme Spolin,

[...] através do envolvimento do grupo, os atores/jogadores irão desenvolver liberdade pessoal dentro de regras estabelecidas, habilidades pessoais necessárias para jogar o jogo e irão internalizar essas habilidades e estas liberdades ou espontaneidade. Os jogos são baseados em problemas a serem solucionados. O problema a ser resolvido é o objeto do jogo que proporciona o “foco”. As regras do jogo teatral incluem a estrutura dramática (Onde, Quem, O quê) e o objeto (foco) mais o acordo de grupo. (SPOLIN,2010, p.12).

No momento da aplicação do jogo teatral, por vezes, reorganizo a ordem, a sequência sugerida por Spolin(2010) e essa escolha, para mim, depende do “momento da turma”, muitas vezes improviso o exercício fazendo adaptações que podem colocar a turma no jogo de forma mais efetiva e significativa para eles. Outras vezes percebo que é preciso seguir o comando à risca, sem modificá-lo. Assim, existem jogos que se tornam meus coringas, pois, se moldam perfeitamente ao grupo e a faixa etária dos alunos. São pequenas modificações que trabalham principalmente a forma que a linguagem se apresenta para os jovens, e as vezes são grandes modificações para fazer valer os anseios do grupo.

O jogo dramático é uma atividade que podemos chamar de lúdica, e necessariamente não pretende construir qualquer coisa, nem mesmo uma apresentação teatral, a intenção é de experimentar e de construir uma linguagem teatral. O jogo dramático é subjetivo e está relacionado com o faz-de-conta, estando diretamente ligado ao imaginário de cada participante do jogo, o que não quer dizer que ele só possa ocorrer de forma individual.

O jogo dramático, e o jogo teatral desenvolve-se na ação improvisada, sem papéis pré-determinados a diferença básica entre os jogos teatrais e os jogos dramáticos é que enquanto no primeiro, os grupos são compostos de atores e de não atores, no segundo, todos formam um único grupo.

Spolin (1992), desenvolveu um método que parte de jogos simples até os mais complexos, sendo um sistema de atuação que está comprometido com a educação, uma proposta educacional a partir de sua vivência com crianças e jovens em comunidades de bairros em Chicago, em que constituiu grupos de teatro improvisacional.

Spolin foi uma inovadora, pois questionou o teatro na área educacional e trouxe a possibilidade do teatro fora do palco tendo o foco e a regra do jogo como ponto de partida, tem uma pedagogia baseada na prática com os jogos teatrais, diz que o jogo deve ser constituído pela improvisação para que tenhamos acesso a espontaneidade e ao intuitivo, dando ênfase a uma intencionalidade simbólica.

Manter o interesse do aluno é minha meta primeira ao iniciar a aula, para que todos possam ter a oportunidade de conhecer a linguagem teatral. Os estudantes exageram nas brincadeiras, ignorando que a aula de arte/teatro tenha uma mensagem, uma proposta importante a ser estimulada e aperfeiçoada com cada jogo/atividade lançado em sala de aula. Portanto, é notória a importância desse ensino na escola. O aluno precisa abandonar a carteira de estudante e dar posse ao seu corpo em movimento, testar a sua voz, tocar o colega. O professor precisa ouvi-lo, conhecê-lo, horizontalizar suas atitudes em sala de aula fazendo com que seu aluno consiga a auto-expressão.

Após conhecer o trabalho de Olga Reverbel (1997) numa escola em que lecionava em dois turnos, sendo um deles com oficinas teatrais no turno vespertino, houve uma identificação muito grande com a proposta da autora. Há muito tempo alguns dos exercícios/atividades desta autora sempre apresento aos meus alunos e são amados por eles.

Reverbel (1997), produziu vários livros que tratam do teatro na educação. Acredita que os jovens e crianças precisam de oportunidades para atuar efetivamente no mundo, desenvolvendo sua capacidade de expressão.

O jogo conforme Reverbel (1997), implica antes de tudo no prazer em estar fazendo. Ela conjuga com o jogo as atividades da música, da dança, das artes plásticas, mímica, literatura, etc. Inclui temas religiosos, políticos e sociais. São como a autora diz, atividades globais de expressão, que visam fornecer estímulo às habilidades artística do educando, em quatro etapas: estímulo, sensibilização, objetivo e roteiro.

Importante autora da Improvisação Teatral, Sandra Chacra, diz da Improvisação:

A forma nas suas partes está na memória dos atores e é somente durante o espetáculo que aquilo que foi ensaiado e elaborado vêm à tona, tornando explícito em cena, surgindo através de um processo de remontagem (forma-sobre-forma) executada pelos atores diante dos espectadores no aqui agora (CHACRA, 2007 p. 15).

Ao desenvolver os jogos e exercícios de criação da professora Olga Reverbel, percebo que os alunos se tornam mais afetivos, devido à natureza dos jogos que buscam o autoconhecimento e a

integração entre os jovens, havendo a liberação das emoções, conseqüentemente há uma carga de afetividade que também é liberada. Daí, por estar muito próxima a todos eles num papel de mediadora, posso demonstrar a importância da aproximação com meu grupo de alunos. Dito isso, concordo com os estudos de Wallon, que dizem,

As emoções, que são a exteriorização da afetividade, ensejam mudanças que tendem a reduzi-las. Sobre elas repousam arrebatamentos gregários que são uma forma primitiva de comunhão e comunidade. As relações que elas tornam possíveis aguçam seus meios de expressão, fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados (WALLON, 2007, p. 124).

Wallon (2007) diz que o contágio emotivo é como uma espécie de contágio mimético, quando estabelecido, e como consequência temos a participação. O sujeito estará inteiro, unido em sua emoção, confundido por ela com o ambiente humano de onde a situação emocional resulta. Alienando-se nelas o sujeito é incapaz de apreender a si mesmo como distinto de si mesmo e de outrem.

Acredito que a comunhão de sentimentos que surgem aliados as efetividades desenvolvidas com os jogos, ajudam na performance da cena, pois a confiança estabelecida entre os envolvidos nos jogos estará sempre em um movimento crescente.

A Improvisação Teatral, através dos jogos, sempre esteve presente nas aulas de Arte/teatro que ministro, sendo estimulada a cada jogo lançado em sala de aula, a cada atividade executada pelos alunos, a cada novo ensaio, por acreditar na força criadora que envolve os jogos de improvisação. O aluno estará diante de escolhas e terá autonomia, dando vazão às suas emoções, para optar pelo caminho que lhe seja mais prazeroso, sendo a sua própria experiência e emoções responsáveis pela melhor solução para os problemas que surgem no jogo.

A partir do momento que o aluno se apropria do seu fazer teatral e compreende como poderá dosar sua atuação, ele também irá saber dizer se está no ponto que deseja estar. Ou seja, irá poder avaliar seu trabalho na cena, num processo que evolui à medida em que ele interage com os colegas, abrindo assim uma gama de novas possibilidades que passam a ser consideradas pelo grupo quando improvisam. Estará aprendendo a fazer uma leitura do que desenvolve durante o fazer teatral.

### **3 A EXPERIENCIA COM A IMPROVISACÃO TEATRAL NO COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES**

A forma que o trabalho se realizou constituiu-se no estudo sobre o teatro pedagógico, pesquisando a sua contribuição para a formação do aluno de ensino médio. Com o objetivo de obter conclusões

positivas no que diz respeito a verdadeira importância do ensino de teatro na sala de aula e da improvisação teatral enquanto capaz de estimular o poder criativo dos estudantes.

Iniciando o ano letivo de 2015, após as devidas apresentações de ambas as partes, solicitei aos meus alunos das três turmas do 1º ano do Ensino Médio que respondessem um questionário sobre o interesse e a experiência deles em relação a Arte e ao Teatro, o que significava Arte para eles, que conhecimento possuíam dos elementos teatrais, se já haviam sido espectadores e com qual dos elementos teatrais mais se identificavam.

Na aula seguinte, falei um pouco mais dos elementos teatrais, alternando, jogos de integração de Spolin, e atividades de expressão de Reverbél, além de brincadeiras que aprendi na infância quando era ainda bem pequena, e que fazem muito sucesso com os alunos a exemplo de “cacique” e também atividades que permitem o movimento dos corpos pela sala de aula, cheia de carteiras empurradas e amontoadas no canto.

Durante toda a primeira unidade escolar conhecemos os elementos teatrais em aulas teóricas e práticas com atividades de jogos teatrais, jogos de cintura, jogos dramáticos, jogos de expressão, cenas improvisadas, mímica, algumas vezes eu participava e representava junto aos alunos, em outras apenas observava. A turma era dividida em espectadores e atuantes. Terminada a improvisação, se tornavam alunos/atores/atrizes. Retomamos os questionários e novamente questionei sobre qual elemento teatral mais se identificavam.

Na segunda unidade escolar, continuamos com os jogos e iniciei um curso sobre maquiagem teatral. Nas turmas os alunos adquiriram os materiais necessários e trabalhamos com eles a maquiagem teatral para envelhecimento do personagem de duas formas: a primeira, mais simples, apenas usando lápis para olhos, branco e preto e esfumador; a segunda mais apurada com uso do látex e de um secador de cabelos, para obter um resultado mais eficaz e que denota um envelhecimento maior do personagem. Após a aula teórica em que exibi para os alunos das turmas vídeos extraídos da internet que demonstravam o passo-a-passo da maquiagem de envelhecimento teatral, passamos para a aula prática, com uma cobaia para que todos observassem e assimilassem a prática.

Na terceira unidade damos início ao projeto e a partir da leitura de uma obra literária partimos para a leitura teatral numa livre adaptação a partir das escolhas dos alunos, das histórias do autor, conferidas ao espetáculo.

Todas as turmas foram divididas em grupos formados pelos elementos teatrais, havendo

grupos de cenário, figurino, maquiagem, ator/atriz, sonoplastia, que atuariam em conjunto durante todo o projeto. Assim estava aplicando o projeto ao tempo que também desenvolvo a pesquisa do mestrado.

Considerando que o projeto seria a primeira etapa da pesquisa em que seria trabalhada a improvisação planejada com a utilização do roteiro de uma obra literária e a segunda parte com início em novembro com a improvisação espontânea, em que seria dado aos alunos apenas um tema para a improvisação de cenas, estas denominações diferenciam o grau de improvisação da cena teatral, sendo que a espontânea permite um grau elevado de participação improvisada na cena.

Os alunos, a princípio, estavam inseguros, faziam considerações a todo momento a respeito da falta de habilidade em atuar em frente a outras pessoas, diziam que não conseguiriam memorizar textos, etc. Esclarecidos de que trabalharíamos com a criação a partir da Improvisação e do jogo teatral, já conhecidos deles, respiravam mais tranquilos. Assim deu-se a construção das cenas do projeto interdisciplinar que envolvia, teatro, língua portuguesa, dança, fotografia e vídeo.

Com a experiência da primeira edição, percebi que o estudo realizado sobre a maquiagem teatral, seria especialmente utilizado pelos alunos, devido ao enredo das histórias que iríamos encenar este ano, pois haviam personagens que envelheceriam em torno de trinta anos em uma das histórias, além do que, uma grande parte das alunas gostaria de conhecer um pouco mais a respeito da maquiagem teatral, consegui com a direção do colégio o material necessário para a realização de um curso de maquiagem teatral que abrangia envelhecimento e efeitos especiais.

Com as leituras, revelam-se temáticas diferenciadas trabalhadas no romance. Eutanásia. Conjuração baiana e romance x vida profissional são os temas sugestivos da obra. Citado a todo momento nas histórias “O Largo da Palma” apurou a minha e a curiosidade dos alunos acerca do local dos acontecimentos descritos pelo autor e como não sabíamos onde ficava, resolvemos ir até lá para descobrirmos os becos e o comércio que compõem o largo. Foi uma longa caminhada até chegarmos ao largo, e alguns alunos ficaram decepcionados ao perceber que o largo era pequeno e que não existiam mais nenhum dos estabelecimentos descritos no livro. A igreja da Palma foi bastante admirada por sua beleza e maestria, imponente na parte alta do largo.

O olhar de cada pessoa no mundo é repleto de um saber único e diferenciado pela experiência e pelo saber da experiência, que caracteriza as ações, o gestual, enfim, a performance de cada ser no mundo contemporâneo, e não é diferente em sala de aula.



A partir da leitura de uma obra literária partimos para a leitura teatral numa livre adaptação a partir das escolhas dos alunos, mediados pela professora de teatro, até a inserção das mídias como remediadoras da ênfase teatralizada das histórias do autor, conferidas ao espetáculo.

### 3.1 PRIMEIRO SINAL

No primeiro sinal, descrevo todo o trabalho desenvolvido na turma 1M1 responsáveis por mostrar a história dos “Enforcados” que fala da “Rebelião dos Alfaiates”, também fala de fé e de luta pela Independência do Brasil.

Fizemos a leitura da novela, em sala de aula e buscamos a síntese ao definirmos as cenas que mostraríamos à comunidade escolar e que caracterizavam a história contada por Adonias Filho. Na história narrada pelo “ceguinho da Palma” ele se sente culpado por ter falado mal da santa da Palma e acredita ter sido esse o motivo de ter ficado cego. Portanto, se agradasse a Santa, um dia ela o perdoaria e ele voltaria a enxergar, acreditava.

A época é de conflito, os altos impostos e vários problemas atingem os brasileiros, que não suportam mais a opressão de Portugal. Várias são as revoltas e a conjuração baiana reivindica um Brasil independente. Quatro enforcamentos acontecem na praça da Piedade, como mostra da subjugação do povo brasileiro à Portugal. O ato se torna atração na cidade, pois todos querem assistir aos enforcamentos. Também é um dia de muita tristeza, todos lamentam e sentem medo de ir parar no lugar deles. E o cego, neste dia, agradece por não poder enxergar.

Após conversarmos, decidimos que mostraríamos, em primeiro lugar a indignação popular contra os abusos de Portugal e depois a rotina do Largo da Palma, uma rotina de missas, de fé católica. Também iríamos contar o sofrimento de um deficiente visual que se sente culpado pela própria cegueira, tamanha é a sua fé.

Assim, na primeira cena, um grupo de alunos entram por entre os espectadores e em uníssono, pronunciam palavras de indignação, pedindo o fim da opressão de Portugal contra Brasil – colônia. Então aparecem soldados portugueses que prendem quatro homens que haviam participado da conspiração contra Portugal.

Na segunda cena vemos a chegada do “ceguinho da Palma” que se coloca a postos, no local rotineiro, para pedir esmolas aos católicos que chegam para assistir à missa. O padre conversa com ele, juntamente com outro deficiente que manca da perna. Os fiéis chegam e na porta da igreja ajudam

o ceguinho, sendo o comentário entre todos a tristeza pelos enforcamentos que aconteceriam no dia seguinte.

Ao iniciar a terceira cena, um desfile de horrores: Os quatro homens que seriam enforcados sendo conduzidos pelo carrasco são maltratados e a população se revolta.

Na quarta cena o dono da bodega comenta com o ceguinho e com “João Capenga” a respeito do fato de que ele poderia ter sido um dos enforcados, pois, havia participado da reunião conspiradora em que os quatro foram presos.

Na quinta cena, o padre dá a extrema unção aos condenados com diversos espectadores que esperam o momento do enforcamento. Na sexta cena os enforcamentos acontecem na praça da Piedade, diante de um grande público que chorava as mortes.

Formadas as equipes, nesta turma, percebi que o grupo mais forte era o do cenário. Estavam empenhados e buscavam soluções para representar o tempo/espço em que aconteciam os fatos da história, assim, compareceram aos sábados com os materiais de desenho e pintura para realizar o cenário da peça. Quando da visita ao Largo, fotografaram e reproduziram no desenho para posterior ampliação visando um painel de fundo, que foi pintado não apenas pelos alunos da turma, mas, por todos que utilizariam o painel. Ou seja, todas as turmas do projeto. Além do painel, os alunos desenharam e encomendaram ao marceneiro uma forca toda feita em madeira, com altura de 2,5 metros e que foi conduzida ao colégio pelo pai do estudante num pequeno caminhão, no que se percebe, também, o incentivo e a participação dos familiares.

Os ensaios transcorreram sem maiores alterações, sendo o único problema o pouco tempo que nos restava até a apresentação. Repetindo os procedimentos, também fazíamos exercícios de voz. Nesta turma foi resultado de uma pesquisa que solicitei ao grupo de atores/atrizes e durante o ensaio, cada um trouxe um exercício de voz a ser aplicado à turma, além da voz, continuamos com os jogos teatrais de integração, além do aquecimento antes dos exercícios.

Ao iniciarmos os ensaios com todo o cenário e principalmente com o uso da forca, alguns alunos se mostravam preocupados com a encenação dos enforcamentos, apreensivos com a empolgação do grupo. Acreditavam que alguém poderia se machucar. Tranquelizei-os. Ninguém levaria ao extremo uma cena de enforcamento e que, de fato, era apenas um artefato inofensivo.

Durante os ensaios, por demonstrarem insegurança nos diálogos e na ordem das cenas, faltava ritmo, e determinação, concentração. Através de um laboratório com exploração do tema, pedi a todos que pensassem numa situação em se sentiram “enforcados”. Qualquer situação que remetesse ao acontecimento que estava inserido no contexto dessa história, como se sentiriam? Como reagiriam? E de olhos fechados, pedi que se expressassem e que falasse um pouco sobre o assunto.

O resultado deste laboratório trouxe depoimentos incríveis, que vão desde ações que se passaram durante uma aula de matemática, no qual o aluno pedia uma explicação sobre o assunto

gado. Em outra o aluno era responsável por depositar um valor em dinheiro e perdeu tudo, ou pensou que perdeu, e teve que contar ao pai que perdera o dinheiro (R\$1.500,00). Depois foi recuperado, pois, estava grudado no corpo. Quando ele colocou dentro da roupa íntima para não perde-lo e, no Banco, na hora do depósito, por estar nervoso, não achou os valores.

No início eram os depoimentos dos alunos atores/atrizes, mas, por vontade da turma, todos que desejassem puderam falar, de todos os grupos. A partir dos depoimentos, percebi que estavam mais concentrados em passar cada um o seu “enforcamento”. Adquiriram um certo grau de pertencimento daquela história, se identificavam, com os acontecimentos que iriam contar através das cenas.

O envolvimento e compromisso do grupo do cenário, ajudou no envolvimento de toda a turma. A peça da força motivou a criação de cenas a partir do objeto, e no ensaio geral, em que já contávamos com o objeto, os alunos improvisaram, a partir dele, modificando o que havíamos ensaiado. A cena ficou muito mais bem elaborada, havia uma certa comoção ao usarem o objeto.

A turma 1M1 era adepta do uso de um narrador para contar a história. Achavam que o público só fosse capaz de entender o conteúdo da peça se alguém estivesse narrando, após os ensaios me relataram que todos que assistiam aos ensaios e que eram colegas deles, diziam ter compreendido toda a trama, e que sabiam, agora, após o projeto, que seriam capazes de mostrar os acontecimentos com todo o corpo, conforme eu lhes havia dito e que este corpo podia “falar”.

Durante a apresentação a turma se comportou muito bem, todos estavam ansiosos, queriam que todos viessem assistir. O ator que fez o “ceguinho da palma” se mostrava confiante no personagem, estava fazendo o papel em que havia lutado para conseguir e desejo de estar ali era notório. Finalizou a peça chamando a atenção para ele, conforme os ensaios, o que diferenciava completamente do seu cotidiano em sala de aula. José, que interpretou o cego, a partir do projeto, juntamente com outra aluna, se mostrou propenso a continuar com as participações em peças, pois, durante a gincana do colégio, atuaram como ator/atriz em suas respectivas equipes.

As equipes do figurino e da sonoplastia, embora tenham participado das aulas, pouco se envolveram com todo o processo, sendo substituídos pelos integrantes dos outros grupos, como o do cenário e de atores/atrizes que se empenharam em buscar as roupas adequadas à apresentação e também buscando sons e músicas diversas que pudessem engrandecer as cenas.

Um dos responsáveis pela estudante que deseja se envolver com interpretação teatral, relatou que a neta está mais feliz, entusiasmada, dizendo que vai se tornar atriz, mesmo que não seja como profissão, conforme ela me relatou, mas que não vai deixar de participar de peças, porque ela se sente bem, feliz, que é como se ela fosse outra pessoa e que por isso se sentia mais confiante na escola, ela disse : “todo mundo me diz que eu estou ótima, que nem parecia que era eu, que fiz o papel direito, me senti uma atriz da globo”.

Esta é a turma mais animada para a segunda parte da pesquisa, em que participarão da improvisação espontânea, com a mesma temática.

### 3.2 SEGUNDO SINAL

A turma 1M2 é composta por alunos com a maior faixa etária das três turmas, e também a menos estimulada para a rotina escolar. Faltam muito às aulas, andam pelos corredores, foram conservados nos anos anteriores e são também, os alunos mais entusiasmados com as aulas de teatro. Foi a turma que mais sugeriu e trouxe ideias inovadoras para a apresentação da novela que lhes coube: “Um avô muito velho”. A história deles é a mais polêmica, em que vemos uma temática contraditória, a eutanásia é uma prática discutida em todo o mundo.

A amizade entre avô e neta sempre foi muito forte até que Pintinha, forma-se como professora dando aulas em uma localidade perigosa. Ela foi assaltada e violentada quando tentava chegar à escola em que dava aula e ficou em estado vegetativo em sua própria casa. Seu avô estava tendo que vê-la dessa forma, sem poder conversar, trocar um as ideias, só olhar todo dia o seu sofrimento. Assim, ele decide e executa o plano de fazê-la beber veneno e acabar com todo o sofrimento da família. Foi exatamente isso que ele fez.

Finalizada a leitura, dividimos em seis cenas toda a história e pensamos em uma forma de mostrar a história sem exibirmos cenas violentas e constrangedoras. Como iríamos fazer a cena do estupro e agressão de Pintinha? Várias ideias surgiram e a que mais agradou foi a de colocarmos fantoches representando a cena de violência. Também foi pensado em colocarmos um vídeo sobre a eutanásia, para esclarecer as pessoas sobre este processo.

Na primeira cena uma cartomante lê as cartas para aquele que será o avô de pintinha. Na sessão de cartas ela diz a ele que será o responsável pelo fim de uma vida, ela era sua amante na época. Ele sai assustado e criticando a amante achando que ela estava louca, e que ele nunca seria capaz de matar alguém. Na segunda cena vemos o amor verdadeiro do avô e da neta e a alegria pela formatura de Pintinha que se forma professora para orgulho de toda a família. Comemoram alegremente, na terceira cena, acontece o teatro de bonecos. Enquanto uma boneca que representa a professora Pintinha tenta chegar ao colégio em que leciona, bastante distante de onde mora, dois marginais se aproximam (dois bonecos com aspecto assustador). Agridem pintinha que sucumbe à violência dos dois. Na quarta cena dois policiais comunicam à família a tragédia que deixou a neta e filha em estado vegetativo, pois, perdera os movimentos do corpo e estava deformada, para desespero da família. Na quinta cena Pintinha está imóvel na cama totalmente imóvel. Emite sons de dor durante todo o dia. O avô se aproxima e dá veneno para a neta. Na sexta cena a mãe de Pintinha encontra a filha morta e o avô aparece para chorar a morte da neta, ele está em choque.

Os ensaios transcorreram de forma harmoniosa, sempre começávamos com exercícios de voz e depois o aquecimento. Jogos de integração se seguiram, para que pudéssemos iniciar o ensaio das cenas propriamente dito. Os alunos estavam sempre muito à vontade no palco, embora alguns não gostassem de falar em cena. Muitas vezes ficavam gesticulando sem esboçar nenhuma fala. Então, trabalhamos a oralidade para descontraí-los e aos poucos iam soltando a voz e expressando as emoções das cenas em que participavam.

Durante a execução do projeto, infelizmente, nem todos os grupos fizeram a sua parte. Assim, alguns se esforçaram muito enquanto outros ficaram de fora sem buscar o devido envolvimento. Embora não faltasse empenho em buscá-los, não desisti e até o final do ano letivo vou trazê-los para a aula e para o jogo teatral.

No dia marcado para a apresentação era grande o desespero da turma, pois, o personagem chave da trama, chegado o momento da apresentação, não havia aparecido. Os alunos ao perceberem a sala lotada de colegas de outras salas como espectadores se animaram e disseram que dariam uma solução e apresentariam, o ator que era o pai passou a ser o avô, outros que faltaram foram substituídos. Fui solicitada a fazer duas representações com os bonecos ao invés uma. Apresentaram com muita energia, e para surpresa geral, um dos alunos que fazia o policial, que não gostava de falar em cena, tomou fôlego e atraiu para si o público, detendo as atenções falando como o personagem, improvisando falas, totalmente envolvido com tudo que estava acontecendo a sua volta, e para mim foi um momento marcante, pois a criação e interação dele com os colegas que estavam em cena e o envolvimento com a cena levou o público ao delírio.

O mais interessante é que durante a atuação do aluno/ator revelação, os outros que também participavam da cena, mostravam que estavam aptos a interagir com os acréscimos de fala e com as improvisações que decorreram. Observei que embora tenham ampliado as falas, não saíram do contexto da trama e não perderam o fio da meada. Foi impressionante e independente, uma atuação autônoma.

Embora inédito, era pra mim totalmente possível, pois a magia do teatro é mesmo imprevisível. O fato de estarem em público, também de alunos, todos com a mesma faixa etária dos atores/atrizes que apresentavam, a meu ver, propiciou um ambiente acolhedor e favorável ao envolvimento com a cena.

Faço referência também, diante do acontecimento, ao trabalho de integração da turma, que é favorecido através do jogo teatral e que aplico em todas as aulas, são atividades importantes em que estimulo as improvisações baseadas no cotidiano deles, não apenas em sala de aula, mas também na comunidade em que vivem, sempre proponho exercícios que dá importância à experiência individual e ao conhecimento sócio interativo que cada aluno possui da própria vida, da sua realidade, dos

acontecimentos que envolve o local onde moram com suas famílias, dando liberdade de expressão e buscando o entendimento de que o grupo está pronto para acolher cada um deles.

### 3.3 TERCEIRO SINAL

As aulas da terceira unidade se iniciam com a leitura da novela escolhida para a turma, o “Largo de Branco” que conta a história de Odilon e Eliane, um casal que se encontra pela primeira vez, no hospital público, local de trabalho de Odilon, que é médico em residência. Odilon se apaixona por Eliane à primeira vista. Logo após eles se casam e Eliane tem contra esse amor a dedicação de Odilon aos seus pacientes, ele considera a medicina como um sacerdócio e Eliane só, esquecida pelo marido, não suportando mais essa situação. Resolve pedir a separação. Eliane conhece Geraldo e se envolve novamente e dessa vez ela sofre muito, pois Geraldo a maltrata, trai e rouba o seu dinheiro. Eles se separam, Eliane vai morar em uma pensão no largo da Palma. Dessa vez é Eliane quem se apaixona, mas, pelo largo da Palma, seus becos, sua atividade rotineira, os pombos que brincam no largo, tudo a alegra e distrai em sua solidão. Após a decepção com Geraldo. Já haviam passados seis meses na pensão, no Largo da palma. Eliane recebe uma carta de Odilon, pedindo um encontro com ela e após trinta anos eles retomam a relação quando Odilon diz a Eliane: vamos para casa. Neste momento é como se o Largo estivesse vestido de branco.

Após a leitura, exercitando o poder da síntese, dividimos em seis cenas toda a história, conforme também trabalhei com as outras turmas. Com os mesmos questionamentos feitos às outras turmas, perguntei aos alunos qual seria a sequência e importância dos fatos na história? A interpretação da história, a sequência, que necessariamente não terá que ser a mesma apresentada pelo autor.

Procedendo a programação das cenas, na primeira, encontramos o doutor Odilon em atendimento no hospital em que chega Eliane juntamente com os familiares para conduzir o pai dela que estava passando mal. O médico fica fascinado pela jovem mas diante da situação do pai dela, que vem a falecer, ele nada diz. Pergunta o nome dela e a conforta, na segunda cena o noivado em família, Odilon declara seu amor.

Na terceira, Eliane já casada com o médico, comenta com as irmãs e a mãe que a relação não está dando certo e volta pra casa para preparar um jantar de aniversário de casamento. Odilon não aparece no horário marcado Eliane dorme em cima da mesa e quando ele chega se assusta. Muito chateada pede a separação.

Quarta cena, Eliane conhece Geraldo e os dois vão morar juntos, Eliane está apaixonada. Na quinta cena Eliane descobre que Geraldo roubou todo o seu dinheiro ele a espanca diante da irmã e após uma terrível briga se separam.

Na última cena Eliane está morando numa pensão no Largo da Palma, solitária e triste, mas amando o Largo, suas ruelas e os pombos que ali residem, e quando o correio chega ela recebe uma carta. A carta era de Odilon, após trinta anos sem vê-lo, marcaram um encontro na praça da igreja. Eliane preocupada com a aparência se preparava para o encontro muito animada. Chegando o dia eles se reencontram e retomam o casamento.

A turma 1M3 é tida como a melhor do colégio, são alunos interessados nos estudos, como um todo, e que se dedicam às atividades escolares. Diferentemente, nas aulas de teatro, eles extravasam um pouco além da conta e alguns brincam demais sem entrar no jogo. Trabalhei bastante com eles para que entendessem a necessidade de usar a energia da forma correta durante a aula de Arte.

A distribuição dos papéis foi atribulada, muitas meninas queriam ser Eliane a protagonista da história. Fizemos testes, conforme o desejo da turma, entre aplausos e gritos, escolhemos duas alunas/atrizes para atuar como Eliane. Uma faria par com Odilon e a outra, na segunda união, com Geraldo. O grupo de maquiagem estava ansioso para mostrar as habilidades, para fazer as atrizes parecerem uma com a outra e também para envelhecer Eliane na cena final, quando ela reencontra com Odilon após trinta anos.

O grupo da sonoplastia, muito se destacou, eu havia trazido alguns CDs e eles começaram a experimentá-los. Pedi que escolhessem algumas músicas de acordo com as cenas e adoraram fazer isto, ao ponto de deixarem as músicas rolando e interferindo na cena. Após alguns ajustes descobriram como fazer e reduziam o volume lentamente, adequando a música/som ao desenrolar das cenas.

O grupo do figurino conseguiu várias peças de roupa e fazia com que os alunos experimentassem e marcavam a peça com o nome do personagem, mostrando organização. Havia também uma aluna responsável pela organização do figurino que dizia o momento do ator/atriz trocar de roupa. Bastante oportuna a organização do grupo, que se empenhava para que tudo desse certo.

Durante os ensaios experimentávamos a variação dos atores/atrizes nos papéis, os grupos dos não atores era exigente e reclamava de quem “não estava fazendo direito” me diziam para trocar fulano por sicrano. Experimentávamos e nos divertíamos também.

Chegou o dia da apresentação e a turma estava bastante nervosa. Cada grupo em seu lugar. O grupo do cenário ficou responsável pelo abrir e fechar de cortinas, o da sonoplastia posicionado, maquiagem trabalhando com os alunos atores/atrizes, era um conjunto que trabalhava harmoniosamente, soube que haviam ensaiado sozinhos, buscando aperfeiçoar as interpretações individuais que não haviam gostado ou que, na visão deles, estava com imperfeições.

O público estava impaciente, a espera era grande, finalmente teve início a apresentação, a primeira cena estava maravilhosa, improvisamos o ambiente hospitalar com pequenos truques, a exemplo de um nebulizador com máscara simulando uma máscara de oxigênio e a morte do pai de

Eliane ficou muito autêntica, o aluno criou uma tremulação corporal que deu muita autenticidade à cena.

Nas cenas seguintes os alunos me surpreenderam, a cada quadro, uma revelação, e alunos/alunas antes nervosos se expressavam com espontaneidade, a criatividade estava no ar e se um improvisava colocando um pouco do pessoal, fugindo ao roteiro, outro seguia o caminho, uma das alunas que fazia Eliane que contracenava com Odilon, me deu o maior susto, pois, num movimento espontâneo, atirou os objetos ao chão, com muita energia, ao puxar a toalha da mesa, num ato de revolta pelo atraso do marido.

O público estava totalmente receptivo, e seguia atento o movimento do espetáculo, enquanto o grupo de alunos atores/atrizes ficava mais concentrado, e nos momentos de muita emoção da trama a espontaneidade aparecia, até chegar ao final com um gosto de, queremos mais. Alguns equívocos aconteceram, a exemplo de esquecerem da maquiagem de envelhecimento da aluna/atriz. Era muito importante na história, mas não faltou emoção e empenho dos alunos. Para mim muitas surpresas aconteceram com relação ao comportamento em cena, de alunos que se mostraram resistentes à participação na apresentação e no momento da execução conseguiram se expressar com muita criatividade e espontaneidade.

Ao final da apresentação um grupo de quatorze alunos, entram em cena e cada um deles está vestido com uma camiseta em que víamos uma letra em cada uma das camisetas e o conjunto das letras formavam as palavras “O Largo da Palma” até que viravam as costas e apareciam as palavras “O Largo de Branco” e executavam uma coreografia simples e alegre, em que Odilon e Eliane brincavam com as “letras” desenhadas nas camisetas.

O olhar de cada pessoa no mundo é repleto de um saber único e diferenciado pela experiência e pelo saber da experiência, que caracteriza as ações, o gestual, enfim, a performance de cada ser no mundo contemporâneo, e não é diferente em sala de aula.

## **REFERÊNCIAS**

- ALENCAR, Eunice M.L. Soriano. Criatividade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993, p. 137.
- CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. Drama como método de ensino. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CHACRA, Sandra. Natureza e Sentido da Improvisação Teatral, 2ª Edição São Paulo: Perspectiva, 2010).
- CHEKHOV, Michael. Para o Ator. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1986, 2ª edição.



KOUDELA, Ingrid. Jogos Teatrais. S. Paulo: Perspectiva, 1984.

LARANJEIRA, Maria Inês. (Coord) Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, 30ª edição

REVERBEL, Olga Garcia. Um caminho do Teatro na Escola. Rio de Janeiro: Scipione, 1989.

REVERBEL, Olga Garcia. Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressões. Rio de Janeiro: Scipione, 1989.

RYNGAERT, Jean-Pierre. Jogar, representar: práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SPOLIN, Viola. O jogo teatral no livro do diretor. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. Trad. Ingrid Koudela e Eduardo Amos. São Paulo: Perspectiva, 1982.

WALLON, Henri. Psicologia da Educação e da Infância. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 1ª edição, 2ª tiragem.

## APÊNDICE A

**PLANO DE CURSO ANO LETIVO DE 2015****COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES**

Planejamento anual para o 1º ano do Ensino Médio em Teatro

Professora: Ana Ribeiro

**Justificativa**

Estudar Teatro através da Improvisação do Jogo e da Recepção Teatral na sala de aula, é uma oportunidade de assumir o controle da própria vida, de entender que podemos ser muitos, representando o coletivo à nossa volta. Transformamos positivamente o mundo que nos cerca com o gesto, simbolizando a vida em todas as suas nuances, falando de colaboração e de parceria, de entendimento mútuo através do jogo teatral, diz Spolin:

O próprio jogo o ajudará. O objetivo no qual o jogador deve constantemente concentrar e para o qual toda ação deve ser dirigida provoca espontaneidade. Nessa espontaneidade, a liberdade pessoal O crescimento ocorrerá sem dificuldade no aluno-ator porque o é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada (SPOLIN, p. 12,2008).

O jovem ao vivenciar o Teatro na sala de aula, compreendem a sua importância, e modificam as suas vidas. Sabemos que o teatro aliado às TIC se aproxima com mais vigor dos alunos-nativos tecnológicos, os benefícios são favoráveis à apresentação no palco. Na era da imagem lidamos a maior parte do tempo com códigos e signos, além disso, é possível criar formas e anexar a filmes e vídeos deixando escapar a diferença entre o real e o imaginário, não existe diferença entre a ficção e a realidade, tudo é possível, a verdade escapa aos nossos olhos, assim, Conforme Souza:

O uso das imagens mentais é o motor que impele nosso pensamento sobre os objetos do espaço. Para colocar as malas num carro ou rearranjar os móveis de nossa casa, imaginamos as diferentes posições espaciais antes de tentar defini-las. E, naturalmente, dando às pessoas uma forma complexa em uma orientação não familiar, elas girarão a imagem até transformá-las numa orientação conhecida, uma imagem familiar (SOUZA, 2010, p. 27).

O entendimento através da discussão em torno da criação dos diálogos, para a apresentação das cenas intensificam a pesquisa em torno da remediação teatral através das TIC e também propiciam um maior entendimento da criação literária do autor Adonias Filho, obra que será tema para a criação das cenas improvisadas em sala de aula, que relata as questões da cidade de Salvador referentes àquela época, reconhecíveis através de personagens pitorescos que valorizam as nossas praças, igrejas e a espontaneidade do nosso povo.

**Objetivos**

## **Objetivo Geral**

Desenvolver a produção de aprendizagens significativas em Teatro, entre os alunos do 1º ano do Ensino Médio do colégio Estadual Odorico Tavares, através da Improvisação Teatral e do Jogo e do estudo dos elementos teatrais unindo a teoria à prática em Teatro.

## **Objetivos Específicos**

- Propiciar a experiência em Teatro através da Improvisação e do Jogo Teatral e da Recepção em sala de aula.
- Avaliar a influência positiva do uso das TIC, no processo ensino aprendizagem na remediação teatral.
- Demonstrar a correlação entre a Teoria e a Prática Teatral através da qualidade das interações produzidas em sala de aula.
- Conhecer e estudar os Elementos Teatrais.
- Estimular a aptidão artística dos estudantes.

## **Conteúdos**

- Estudo dos Elementos Teatrais
- Técnica da Maquiagem Teatral
- Jogo Teatral
- Improvisação Teatral
- Recepção Teatral
- Cenas improvisadas e processo criativo

## **Monitoramento e avaliação**

O aluno terá um acompanhamento contínuo, mediante avaliação das atividades que envolvem o teatro e que serão realizadas ao longo do ano letivo. O registro do desempenho abrangerá as atividades individuais e coletivas, presenciais ou semipresenciais, assim como a auto avaliação. Para tanto, será utilizada uma ficha de avaliação de desempenho, na qual serão registrados os avanços e as dificuldades nas matérias que estão fazendo parte da interdisciplinaridade.

**Como iniciamos todo o processo desenvolvido no colégio através do jogo teatral, o aluno se acostumou a experienciar verdadeiramente, sem qualquer julgamento ou sentimento de**

**inferioridade, passando então a vivenciar rotineiramente a sua criatividade evocando as suas potencialidades. Isso foi visto nesta pesquisa escolar que envolveu os elementos teatrais. Os alunos se mostraram além das expectativas e a grande mola capaz de impulsionar a roda da vida e do conhecimento.**

A técnica a ser utilizada em nossas escolas deverá ser aquela que melhor atenda às necessidades do aluno, e cada grupo escolar em determinado momento, entendendo que também o professor se encontra em processo de aprendizagem.

Neste monitoramento podemos identificar novas necessidades, corrigir problemas e garantir a efetividade do projeto. A avaliação, associada ao monitoramento, nos possibilita o julgamento dos resultados ocorridos durante as aulas da intervenção, em sala de aula.

### **Considerações Finais**

Pensar sobre o ensino da arte é também pensar na diversidade, na pluralidade de um mundo que processa mudanças em poucos minutos, embora com dificuldades, qualquer iniciativa no sentido de trazer à tona um ambiente propício à discussão e que aponte um repensar constante do ensino da arte, favorecerá a qualidade do processo ensino-aprendizagem, mesmo que por um tempo limitado às exigências que estão por vir no estudo da arte.

Possibilitar o acesso dos nossos alunos à arte contemporânea, em seus avanços e retrocessos propositais, favorecendo a arte da participação e da comunicação.

Infelizmente, a arte se desenvolve de forma diferenciada do seu “ensino”, e isso se deve à falta de estrutura física e a falta do aparato tecnológico em nossas escolas, além da ausência de cursos de aperfeiçoamento e da estruturação curricular, que favoreça o ensino de Arte ocorresse através da divisão por linguagem artística.

**Como iniciamos todo o processo desenvolvido no colégio através do jogo teatral, o aluno se acostumou a experienciar verdadeiramente, sem qualquer julgamento ou sentimento de inferioridade, passando então a vivenciar rotineiramente a sua criatividade evocando as suas potencialidades. Os alunos se mostraram além das expectativas e a grande mola capaz de impulsionar a roda da vida e do conhecimento, foi a integração do grupo.**

### **Referências**

1-BOLTER E GRUSIN Bolter, J. D. & R.. *Remediation, Compreender New Media*. Cambridge: O MIT Press, 1998. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

2- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

3-PIAGET, Jean. *Psicologia e pedagogia*. Tradução Editora Forense Universitária – Dirceu

4- SOUZA, L. I. G. de. *A cognição da Imagem e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*. Florianópolis/SC, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) PPEGP/UFSC, 2000.

5- READ, H., *A educação pela arte*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

5-SPOLIN, Viola, *O jogo teatral no livro do diretor*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

6- \_\_\_\_\_.*Improvisação para o teatro*. Trad. Ingrid Koudela e Eduardo Amos.